



Recebido em: 07/12/2020

Aceito em: 28/12/2020

O HEXAÊMÉRON DE BASÍLIO DE CESAREIA E SUA RETÓRICA APOLOGÉTICA CONTRA OS GNÓSTICOS

BASIL OF CESAREA'S HEXAÊMÉRON AND ITS APOLOGICAL RHETORIC AGAINST GNOSTICS

Doutor José Petrúcio de Farias Junior¹

UFPI

<http://lattes.cnpq.br/2921343413261339>

Jonnildo Vilomar Mateus Viana²

UFPI

<http://lattes.cnpq.br/6322981319121536>

Resumo: Nossa proposta consiste em compreender as dissensões entre gnósticos e cristãos a partir do estudo de *Hexaêmeron*, escrito pelo bispo Basílio de Cesareia (330-379), por volta de 370. *Hexaêmeron* congrega um conjunto de nove homilias, que resulta de esforços de exegese do referido bispo à narrativa cosmogônica do Gênesis. Em nossa análise documental, focaremos nos aspectos retóricos utilizados

¹Graduado em História (UNESP/Franca), em Letras-Inglês (UNIUBE) e em Pedagogia (UFJS). Mestre e Doutor em História pela UNESP/Franca. Professor de História Antiga e Medieval da Universidade Federal do Piauí, campus de Picos, e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em História (UFPI/PPGHB); Estuda as relações entre os cristianismos e as filosofias neoplatônicas na Antiguidade Tardia. Email: petruciojr@terra.com.br.

² Graduação em História (UFPI/Picos), membro do Laboratório de História Antiga e Medieval (LABHAM) e do História e Culturas Religiosas (HCR), orientando do Prof. Dr. José Petrúcio de Farias Junior.

por Basílio de Cesareia para marcar suas objeções a respeito das teses gnósticas da origem de um 'mal inicial', existente desde os primórdios da criação.

Palavras-chaves: Basílio de Cesareia, gnosticismo, retórica, exegese, Gênesis.

Abstract: Our proposal is to understand the differences between gnostics and christians from the study of *Hexaêmeron* written by Bishop Basil of Caesarea (330-379) around 370. *Hexaêmeron* contains nine homilies, which result from Basilius's efforts to interpret the cosmogonic narrative of Genesis. In our document analysis, we will focus on the rhetorical aspects used by Basilius of Caesarea to mark his objections regarding the gnostics theses of the origin of an 'initial evil', which existed since the beginning of creation.

Key-words: Basil of Caesarea, Gnosticism, Rethoric, Exegeses, Genesis.

INTRODUÇÃO

A principal motivação desse trabalho consiste em entender os enfrentamentos entre o bispo Basílio de Cesareia e o gnosticismo a partir de suas homilias contidas no *Hexaêmeron* – *ἑξαήμερον*³. Essa obra resulta da iniciativa do clérigo capadócio em interpretar e endossar a narrativa cosmogônica do Gênesis, como um verdadeiro tratado de Cosmologia. Para isso, Basílio utiliza nove homilias com a finalidade de explorar cada aspecto da criação contido neste primeiro livro do cânone veterotestamentário, por meio das quais ele visa fundamentar questões teológicas e filosóficas de seu tempo.

Partimos do pressuposto de que o principal intuito de Basílio, em seu *Hexaêmeron*, era o de construir um conjunto de exegeses bíblicas do Gênesis que fossem capazes de referendar o posicionamento cristão 'ortodoxo' diante das múltiplas interpretações a respeito da origem do *kósmos* e do princípio do mal, fossem estes oriundos de grupos filosóficos helênicos, cristãos heterodoxos ou gnósticos que conviveram ao longo dos séculos IV e V, período denominado por muitos historiadores de Antiguidade Tardia. Para Spinelli,

[...] Basílio sobrepõe a verdade cristã (sob o conceito da exclusão) a qualquer outra pretensão de verdade [...] O seu *Hexaêmeron*, como ele mesmo o define, "é uma investigação sobre a constituição do Cosmos e uma teorização do Todo, que tem como arquétipo não a sabedoria desse Cosmos" (Basílio, *Hexaêmeron*, VI, 1, 77C), mas os ensinamentos de Deus [...] Ele tinha como propósito ensinar os cristãos [...] a saber discordar dos filósofos e, acima de tudo, romper com a verdade deles [...] fazia-se necessário cristianizar a Ciência. Mas não a Ciência em geral, e sim a Cosmologia em particular, ou seja, aquela ciência que, desde os primórdios da Filosofia, se ocupava de investigar a origem e a constituição do Cosmos (2015, p. 688-9)

Assim, Basílio sustenta que "as palavras das Escrituras têm a supremacia sobre os discursos dos filósofos" e que os filósofos helênicos devem "admitir que Deus existe, porque essa é a maior sabedoria que um homem poder ter" (Spinelli, 2015, p. 690). Para este estudo, nossa abordagem versará sobre as investidas de Basílio contra os gnósticos, considerando o recorte temático em questão⁴.

³ As homilias do *Hexaêmeron*, isto é, *ομιλία εις την εξαήμερον*, tem como principal proposta falar dos seis dias da criação segundo o Gênesis, por conta disso, o termo é constituído por duas palavras *εξά*, que em grego que significa seis, e *ἡμέρα*, que significa dia.

⁴ Segundo o teólogo Zañartu (1980), existiram relevantes enfrentamentos entre Basílio de Cesareia e grupos gnósticos de seu tempo, uma vez que grande parte dos gnósticos defendiam que a criação do *kósmos* havia surgido a partir de um suposto mal inicial. Com efeito, é bem provável que muitas das tentativas adotadas por Basílio em interpretar o livro do Gênesis, sob a ótica de uma leitura harmoniosa da criação, também tenham se constituído como resposta às teorias cosmogônicas dos gnósticos, já que estes grupos produziram significativas oposições ao pensamento cristão na Antiguidade Tardia.

Para atender aos objetivos dessa investigação, concentraremos nossa análise na homilia β , em que discorreremos sobre os artifícios retóricos que auxiliaram Basílio de Cesareia a construir seu discurso contra as perspectivas gnósticas acerca do 'mal inicial', inerente ao ato de criação cósmica, portanto consideramos que o campo da linguagem era o principal meio de propagação de suas exegeses do Gênesis, as quais eram proferidas em templos e anfiteatros da Capadócia. Isso justifica o emprego de uma linguagem lúdica, entremeada por uma estrutura argumentativa refinada, do ponto de vista da persuasão, já que recorre ao campo de experiências político-culturais do público-alvo e de fácil compreensão, em virtude do emprego de metáforas, conhecidas e compartilhadas pelas audiências de maneira hegemônica.

Assim, as homílias que constituem o *Hexaêmeron* representam um esforço literário de defesa de interpretações afinadas às diretrizes do cristianismo niceno – autoproclamado ortodoxo – em detrimento de outras correntes filosófico-religiosas, como o gnosticismo, concebidas como ameaças ao credo niceno, ainda em processo de delimitação de suas fronteiras.

Com a finalidade de compreender a estrutura retórica dos discursos do capadócio, utilizamos como referência o manual de *Retórica* de Aristóteles (384-322 a.C) bem como *Ars Retórica* de Caio Júlio Vitor (séc. IV d.C) , visto que é a partir de um conhecimento basilar das premissas dessa arte que mapeamos as principais escolhas estilístico-argumentativas de Basílio de Cesareia em contraposição às visões de mundo advindas dos gnosticismos.

BASÍLIO DE CESAREIA: TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA, PRODUÇÃO LITERÁRIA E ENFRENTAMENTOS POLÍTICO-FILOSÓFICOS

De acordo com Gallwitz Ayres e Adrew Raddle Lewis, Basílio de Cesareia nasceu provavelmente em 330, em Cesareia, e era descendente de uma família abastada e de tradição cristã. Durante sua juventude Basílio de Cesareia foi enviado para estudar nas cidades de Constantinopla e Atenas, onde concluiu seus estudos filosóficos. Quando esteve em Constantinopla, foi aluno de Libânio, por um ano, e, depois, ao seguir para Atenas, entre 349/350, estudou provavelmente com o rétor cristão Proerésio e com o rétor não-cristão Himério (Ayres; Lewis, 2010, p. 459).

Deduzimos que, por ser oriundo de família rica, Basílio de Cesareia teve acesso aos grandes centros de estudos do mundo tardo-antigo; esses espaços culturais foram essenciais para a consolidação da formação acadêmica de Basílio o que o teria tornado um sujeito versado em áreas do saber filosófico, político e retórico, indispensáveis à produção de suas obras, tais como homílias, apologias e

epístolas, por meio das quais o bispo capadócio defendia seus posicionamentos político-religiosos frente a grupos adversários.

Em virtude disso, ambicionamos compreender as estratégias discursivas de autoafirmação do cristianismo ortodoxo por Basílio frente aos gnósticos e suas discordâncias em relação à autoproclamada 'ortodoxia'. Portanto, o eixo temático de nossa análise relaciona-se à defesa de uma vertente do cristianismo autorizada, reconhecida e aceita pelas instâncias de poder em oposição à literatura gnóstica, popular entre vários setores sociais.

Tendo em vista os limites deste trabalho, enfatizaremos a questão da emergência do 'mal inicial', desde os primórdios da criação, entre outras questões polêmicas na Antiguidade Tardia, como a virgindade de Maria, a ressurreição de Jesus e a criação do *kósmos*. A presença destes debates e da necessidade de enfrentamento, em nível literário, demonstra a ausência de consenso quanto a estas narrativas cristãs bem como denota os esforços dos líderes da Igreja em imprimir um tom mais uniforme a seus discursos, além de demarcar seu poder frente a grupos filosófico-religiosos com os quais os cristãos ortodoxos rivalizavam.

Assim, a partir do seu *Hexaêmeron*, investigaremos como esses embates se configuraram, no âmbito literário, com ênfase à postura argumentativa de Basílio de Cesareia frente aos gnósticos.

Dito isso, é importante salientar que a escrita do *Hexaêmeron* foi, a nosso ver, motivada por uma série de fatores, a saber: a pretensão de veracidade/precisão de suas exegeses sobre o livro do Gênesis, a validação de sua teologia sobre criação, a demarcação de sua aversão às visões de mundo que concebiam o processo de criação do *kósmos* a partir de uma matéria eterna (pré-existente ao ato de criação), sem forma ou amorfa - ἀμορφος ὕλης⁵, bem como a demonstração da ancoragem de

⁵ Segundo Farias Junior (2021) “Para os cristãos, em geral, admite-se que o mundo (e as demais criaturas que nele habitam) foi criado por um ato voluntário de Deus a partir do ‘nada’ e, de acordo com a visão profética do Apocalipse, pode ser destruído; já para os neoplatônicos, à luz do *Timeu* de Platão, quem fabrica o mundo é o Demiurgo, não a partir do nada (como creem os cristãos), mas das Ideias, presentes no Mundo Inteligível, que lhes servem de parâmetro. Assim, na cosmologia platônica, a ‘Ideia do Bem’ está acima do Demiurgo e este se restringe apenas a modelar e organizar o mundo sensível. Convém ressaltar que o Demiurgo não pode ser confundido com a ‘Ideia do Bem’, de tal forma que, ao contrário do Deus cristão, o Demiurgo subordina-se às Ideias e à sua perfeição. Isso quer dizer que, para Platão, preexistia um princípio material eterno, em estado de plena desordem (caos), que foi levado à ordem pelo Demiurgo, isto é, o Demiurgo ‘ordenou’ um princípio eterno (matéria), que já existia independentemente Dele, para fabricar o mundo. Enfim, Platão e seus seguidores desconheciam um Universo finito, gerado do nada (*ex-nihilo*) por um Criador”. Em síntese, compreendemos que a defesa de uma matéria pré-existente ao ato de criação do *kósmos*, seguido de um demiurgo, organizador/criador do universo, deriva das obras de Platão, particularmente *Timeu*. Percebemos que, no escopo das reflexões desenvolvidas nesta obra, já existia uma

sua linha de raciocínio numa suposta sabedoria mosaica⁶ em contraposição à sabedoria filosófica de sua época.

Instigado por tais aspectos, Basílio empenha-se em responder à questão gnóstica sobre a emergência de um 'mal inicial' que estivesse presente desde a criação; portanto, esse eixo temático provavelmente foi o elemento norteador que fez com que Basílio mantivesse seus enfrentamentos com esse grupo religioso por meio das homilias que compõem o *Hexaêmeron*.

GNOSTICISMOS: TENDÊNCIAS E ABORDAGENS

Após termos esclarecido os principais elementos que influenciaram Basílio de Cesareia a manter seus enfrentamentos com os gnósticos, a partir do *Hexaêmeron*, cabe-nos agora refletir sobre as principais características que orientavam o posicionamento dos gnósticos.

Em primeiro lugar, convém esclarecer que o termo 'gnosticismo' provém de *γνóση*, que "designa qualquer movimento de pensamento segundo o qual a verdade divina de salvação está contida numa revelação (Moreschini, 2013, p. 43). Logo, não se trata de qualquer 'conhecimento', mas sim de um conhecimento salvífico, de um

teoria que pensava em um suposto 'arranjo' do universo pelas mãos de um demiurgo; este artífice teria organizado o *kósmos* a partir de uma matéria não-criada e sem forma, isto é, amorfa; entretanto, essa corrente de pensamento, herdada pelos neoplatônicos, impactou outros movimentos filosóficos, como os estoicos e gnósticos. Portanto, a defesa da existência de uma matéria inicial, anterior ao ato de criação do *kósmos*, era um assunto bastante explorado por diversas escolas filosóficas gregas da Antiguidade e, por sua popularidade e divergência em relação aos discursos cristãos, tais reflexões se tornaram objeto de investidas de autores cristãos, como Basílio de Cesareia.

⁶ Segundo Finkelstein e Silberman (2005), percebemos que a cultura material não nos dá pistas quanto à existência de *Moises*, muito menos se atribui a esse personagem a autoria única do *Pentateuco*. Existem muitas hipóteses acerca do processo de consolidação do *Pentateuco*. Para os referidos estudiosos, os cinco primeiros livros do Pentateuco resultam de acréscimos sofridos ao longo do tempo advindo da tradição eloísta e que foi complementada por elementos das tradições javistas, deuteronomicas e sacerdotais, que formaram, posteriormente, os cinco primeiros livros da bíblia hebraica. Por se tratar de uma cultura oral, os antigos povos israelitas construíam narrativas que se alteravam constantemente. Teria sido no período pós-exílio babilônico que todas essas tradições discursivas: eloístas, javistas deuteronomicas e sacerdotais teriam sido uniformizadas por parte de escribas que estavam comprometidos com anseios políticos e religiosos do projeto monárquico israelita a partir do século VII. Entretanto, a despeito da historiografia e de suas abordagens contemporâneas, Basílio faz uma interpretação literal do Antigo Testamento, na medida em que considera *Moises* o autor do Gênesis, o que conferia legitimidade às narrativas veterotestamentárias. Para o bispo capadócio, o fato de *Moises* ter recebido sua formação no Egito, ter dialogado com a divindade criadora e ter sido o primeiro autor da Bíblia, tal como narrado no Gênesis, diferencia-o dos demais, porquanto o torna portador de sabedoria divina. Para Basílio, Moisés é reconhecido como uma figura de autoridade que respaldava os registros sobre o processo de criação do *kósmos* sob a ótica cristã. Em caráter complementar, Spinelli também sustenta que, do ponto de vista de Basílio, "[...] os ensinamentos de Moisés[...] ao contrário do ensino dos filósofos, eram firmes e inabaláveis, e que [...] não comportavam contradições [...] deveríamos nos bastar com os ensinamentos de Moisés que, afinal, são os ensinamentos de Deus e da sagrada Teologia, única à qual conviria o adjetivo racional (Spinelli, 2015, p. 703).

saber elevado ou de uma verdadeira sabedoria, porquanto tem por objeto algo superior ou divino e se apresenta como um caminho para a salvação das almas que se encontram degradadas neste mundo; a obtenção de tal conhecimento ocorreria “por meio da experiência direta da revelação ou mediante a iniciação à tradição secreta e esotérica de tais revelações”, o que implica dizer que Deus se revela a todos os homens “por meio da razão divina deles [...] embora poucos dela façam uso (Moreschini, 2013, p. 43-4). Além disso, defendem que as almas comportam partículas do divino presas à carne, as quais anseiam pela reintegração à luz plena (Hinnels, 1984, p. 109).

Segundo Edward Moore e John d. Turner, o termo ‘gnósticos’ – *γινώστικοι*, na maioria das vezes, designa, sob a ótica da literatura cristã, alguns grupos religiosos, considerados heréticos, no entanto esse adjetivo já se encontrava presente até mesmo em Platão, sobretudo em seu tratado *o Político*, em que o filósofo já fazia menção a esse termo para distinguir tipos de conhecimento:

O antigo termo "gnóstico" (gnōstikoi) é atestado na literatura heresiológica cristã, embora seja difícil determinar exatamente a quem esse rótulo se aplica. O primeiro exemplo do adjetivo gnōstikos se encontra em Platão (*Político*258e), onde ele distingue entre as ciências práticas e teóricas, ambas sendo tipos de conhecimento (gnōsis) (Moore; Tunner, 2010. p.174.)

Na Antiguidade Tardia, tal vocábulo aparece no contexto de embates teológicos para designar grupos filosófico-religiosos cujas visões de mundo e posicionamento teológico, sobretudo em relação à criação do *kósmos*, à origem do mal e à relação corpo e alma, contrastavam com os cristianismos em ascensão.

Portanto, a literatura cristã tardo-antiga habitou-se em utilizar o termo *γινώστικοι* para aludir a grupos filosófico-religiosos que se diferenciam de suas fórmulas de fé. Os gnósticos, por exemplo, segundo Irineu de Lyon (180)

[...] partilhavam do princípio básico de que o mundo material é mau, ao passo que o mundo espiritual é bom. Daí a crença de que os dois mundos deviam sua existência a dois criadores diferentes, sendo que o criador da ordem material (o demiurgo) era um oponente do Deus supremo da verdade (Hinnels, 1984, p. 109).

Deduz-se, então, que, para os gnósticos, o mundo é um lugar mau e seu Criador, um deus inferior, o Deus dos judeus, torna-se a causa dos aborrecimentos/males/infortúnios/desgraças. Sob essa linha de raciocínio, a única forma de se desvencilhar dessa prisão é por intermédio do conhecimento salvífico, o qual permite acesso ao “mundo da luz” e ao “Deus do outro mundo” – diferente do ‘deus’ que criou o mundo habitado. Em linhas gerais, os gnosticismos têm “como

eixos a alienação do mundo e a revolta contra ele e contra o seu criador” (Moreschini, 2013, p. 50).

Sob esta ótica, apenas os gnósticos conhecem o verdadeiro Deus e o seu mundo celeste, por isso, diferentemente dos cristãos, defendiam que o conhecimento salvífico era reservado apenas aos iniciados, logo apenas alguns escolhidos seriam salvos e não todos; mas havia também muitos pontos de contato entre cristãos e gnósticos, tais como a transformação de Jesus de Nazaré em Cristo, a santificação de Maria, sacramentos como o batismo, o casamento, a extrema-unção, bênçãos com óleos-santos etc, os quais teriam inspirado os cristãos a pensar suas experiências religiosas.

Dado o exposto, utilizamos o termo *γινώστικοι* para designar um movimento filosófico-religioso, cujos membros podem ser designados como *os que sabem, ou que têm o saber*. Trata-se de grupos que se reconhecem por serem portadores de um conhecimento específico sobre os mistérios divinos. Mas, como toda experiência religiosa, os gnosticismos são plurais, multifacetados e dialogam, de um modo muito particular, com diversas correntes filosófico-religiosas da Antiguidade. A defesa de suas teorias, por meio de intérpretes como: Valentino, Justino, Basíides, Marcião, Apeles, Hermógenes e alguns escritos do *corpus* de Nag Hammadi, possibilita que pensemos sobre as características identitárias de tais grupos contra os quais Basílio argumentou em seu *Hexaêmeron*.

No tocante à relação corpo e alma, para grande parte dos gnósticos, entre o II e V séculos, havia a crença da existência de uma centelha divina que caíra do *Pléroma* (mundo celestial e morada de Deus) e encontra-se presa a esse mundo material, inferior, por meio da ‘carne’, por isso os gnósticos sustentam que essa centelha divina, presente na alma e presa ao corpo, deve buscar pelo retorno a sua morada celestial a partir de um processo designado como a *gnose* – *γνώσις*.

A síntese desse pensamento gnóstico se resume na tese de que, na essência do homem, há uma centelha divina, que, após cair do *Pléroma*, ficou presa ao corpo humano e que, portanto, devia ser libertada para, então, voltar a sua casa no mundo superior. Sob essa ótica, é através da *gnose* que tal processo se efetiva.

Os movimentos gnósticos, ao versarem sobre o processo da *gnose*, ramificavam-se em dois principais grupos, a saber: os gnósticos dualistas e não-dualistas. Salientar essas categorizações é essencial para nossa investigação, pois Basílio duela com tais discursos filosófico-religiosos em seu *Hexaêmeron*.

Segundo Piñero (*apud* Neves, 2011, p. 116), a *gnose* era fruto de uma angústia inerente ao ser humano que resultava em uma busca pela sabedoria divina, acessível a partir da centelha divina caída do *Pléroma*. No fundo, esse processo era

uma tentativa de a alma humana se aproximar do divino, fim último da *gnose*, tal como defende Neves:

[...] existe em todos os grupos gnósticos o princípio ou a crença da existência de uma faúlha ou centelha divina, que caiu do Pléroma divino, origem de todas as coisas, no mundo material de trevas e escuridão, de que faz parte o corpo humano. Prisioneira deste mundo inferior, a faúlha divina suspira pelo regresso à sua origem ou morada, que acontece pelo processo da ação da gnose. Muitos autores distinguem entre gnose e gnosticismo. Gnose refere a este processo de queda e redenção da faúlha divina do mundo e do corpo material. Gnosticismo consiste nos diversos sistemas operativos da gnose. (Neves, 2011. P.116).

Conclui-se, a partir do excerto, que a *gnose* era o processo pelo qual se consolidava a redenção da alma e sua reintegração ao divino. Isso só é possível, porque se defendia que alma, embora presa e contaminada pelo mundo material, mantém a faúlha divina que a possibilita seguir o caminho da salvação por meio do saber salvífico. No tocante ao 'mal inicial',

É fácil concluir que esta tragédia, pelo menos nalguns sistemas gnósticos, começa por se apresentar como uma luta titânica em parâmetros dualistas. Assim acontece com o maniqueísmo que defende os dois princípios originais, iguais e contrapostos, da Luz e das Trevas, do Bem e do Mal, da Matéria e do Espírito. Mas as escolas gnósticas mais avançadas partem de um monismo em que o Pléroma, o Uno, o Bem, o Pai, o Transcendente, por um processo complicado, engendra indiretamente o princípio do Mal, ou melhor, a Deficiência, o Erro, a partir do qual se gera o universo. Esta concepção do todo como um contínuo (em processo de degradação é de raiz estoica) (Neves, 2011. p.116)

Com base no excerto acima, é perceptível que existia, no seio das reflexões gnósticas, um pensamento marcado por uma visão de mundo que entendia a origem do *kósmos* como fruto de embates binários entre luz e trevas, bem e mal, algo bastante parecido com as concepções de mundo oriundas de grupos maniqueístas. Entretanto, algumas escolas gnósticas de vertente 'monista' enfatizavam a tese de que o demiurgo, que deriva de um Ser supremo, trazia consigo o princípio do mal pelo qual havia sido gerado o universo, entretanto o autor é enfático em assinalar que a concepção de um todo como um contínuo é de raiz estoica. Logo, para Neves, a proposição de um embate binário entre bem e mal, luz e trevas permeava o âmbito divino; portanto, não só o homem, mas também o *kósmos* se encontravam governado por essa luta titânica, em que o bem e o mal se conflavam:

Em alguns grupos, o combate entre os dois Princípios, o bom e o perverso, pode dar-se já no âmbito do divino. Para todos, pelo menos o *kósmos* visível e o homem vêem-se governados pela luta desses dois Princípios, o Bem e o Mal, a Matéria e o Espírito, a Luz e as Trevas. Geralmente, os sistemas gnósticos pensam em termos dualistas só segundo a ordem regular, ou seja, no âmbito do

universo, de fora da divindade: a matéria na qual vive o homem e o seu próprio corpo é a última e perversa escala do ser e opõe-se ao mundo do espírito. Este pensamento, secundariamente dualista (Neves, 2011. p.116)

Em síntese, a principal característica do pensamento não-dualista do gnosticismo tem como premissa a defesa da tese de que a queda da alma havia sido causada pela própria divindade (demiurgo) e não como fruto de algo externo a ela, o pecado origina (Neves, 2011. p.116). Isso posto, enquanto para os gnósticos dualistas há dois princípios opostos e o mundo terreno resulta deste embate *ab aeterna* entre a luz e as trevas, o bem e o mal, para os gnósticos não-dualistas, o mundo é a prova visível da fraqueza de seu criador⁷. Em outras palavras, a criação do mundo é entendida como a obra de seres inferiores e de poder limitado “[...] que não conheciam o verdadeiro Deus ou sublevaram contra ele, e é concebida como uma perturbação da ordem do ser originário produzido pela rebelião dos poderes demiúrgicos” (Moreschini, 2013, p. 51).

Com base nisso, os pressupostos gnósticos, de ambas as escolas, dualistas e não-dualista, entendiam que esse mundo material estaria sob a sujeição de ministros, responsáveis por interligar essa centelha divina, que se encontrava presa ao corpo, ao seu lar, situado no *Pléroma*; sob a ótica gnóstica, Jesus, na condição de ministro/redentor, teria vindo ao mundo para apresentar a verdadeira identidade divina e facilitar o processo de ‘gnose’. No entanto, somente os gnósticos que detinham o conhecimento dessa suposta verdade, poderiam libertar essa faúlha divina e retornar ao seu lar original. Em síntese,

As escolas ou famílias gnósticas distinguem-se fundamentalmente em dois grupos. Os não-dualistas, situados na Síria e Egito, que incluem Basilides e Valentino, defendem que a queda da alma é devida à própria divindade, e não a qualquer agente externo. Os dualistas, situados no Irão, cujos expoentes são os maniqueus e os mandeus, defendem o dualismo ontológico onde coexistem *ab aeterno* o bem e o mal, a luz e as trevas. Para quase todas as famílias gnósticas, a alma confunde-se com a Sabedoria (*gnosis*), da qual provém o mundo material, que é um produto da sua ignorância. O Criador actual do mundo é da descendência da Sabedoria, chamado

⁷ Para Rodolfo Lopes (2011), tradutor de *Timeu-Crítias*, compreendemos que o demiurgo havia criado o universo a partir de uma matéria sem forma, entre as quais água, fogo ar e terra; a natureza dessa divindade nesta obra é apresentada como boa, portanto, esse artífice ou demiurgo, se assim for preferido, teria transmitido todos os seus atributos de bondade para a sua criação, portanto o universo como um todo, contém uma certa harmonia por herdar as características de seu arquiteto. Em *Timeu* (53a-b), a desordem primordial dos elementos é harmonizada pelo demiurgo; a origem do homem (antropogonia), teorizada em *Tim* 42d e 69c deriva da intervenção de deuses inferiores que “por iniciativa do demiurgo, dão forma aos níveis inferiores da alma e do corpo como veículo para primeira”; esse ato objetiva livrar Uno/Deus dos males/vícios. Nesse sentido, há ao menos uma semelhança entre o pensamento gnóstico e a literatura platônica: a existência de um Ser superior ao Criador.

o Demiurgo, geralmente com o nome de Ialdabaoth (Jahvé + Sabaoth). O mundo está sob a sujeição dos arcontes (dirigentes) que procuram a todo o custo reter a pequena faúlha divina da luz prisioneira no corpo. Por isso o Redentor, que é Jesus, veio ao mundo para apresentar a sua identidade através da sua mensagem para quem o quer ouvir obedientemente. Só os gnósticos é que o ouvem e aproveitam da sua sabedoria e, assim sendo, são salvos e regressam à sua pátria primitiva, o Pléroma, enquanto que os não gnósticos serão destruídos na guerra cósmica e apocalíptica (Neves, 2011, p.116).

As relações entre cristãos e gnósticos não são marcadas apenas por desencontros, há muitos pontos de contato, a saber: a ideia de um caminho da salvação; de que a 'verdade' não se encontra neste mundo material 'enganador' e 'corrompido', de que a realidade é constituída de muitas esferas, dispostas hierarquicamente do divino ao material, entre outras. No tocante ao pensamento filosófico de Plotino, também destacamos profícuos diálogos, sobretudo em relação à aspiração à redenção, à transcendência de Deus, à imortalidade da alma, ao mundo inteligível, ao deus primeiro, à necessidade de a alma abandonar o corpo, à dicotomia corpo/alma, entre outros (Moreschini, 2013, p.47).

Para Moore e Turner, analisar o próprio gnosticismo e classificá-lo como corrente filosófica ou movimento religioso é uma tarefa muito complexa, tendo em vista o sincretismo de ideias de natureza filosófica e religiosa, presentes no âmago de tais discussões:

Os estudiosos ainda não decidiram se o gnosticismo é uma religião, uma escola filosófica, uma prática mística "eclectica" ou o que quer que seja. O melhor que podemos fazer é mergulhar nos textos, e com a ajuda de estudiosos que começaram a trabalhar nos tratados de Nag Hammadi na segunda metade do século XX. O que esta cultura de estudo revela é que, pelo menos, o pensamento gnóstico foi comprovadamente matizado pela metafísica grega, especialmente platônica (Moore; Tunner, 2010, p.175.)

Como se observa, os movimentos cristãos dialogaram, mas também duelaram com as filosofias helênicas, sobretudo de raiz platônica, como os gnosticismos, que contrastavam, em muitos aspectos, com a perspectiva de criação do *kósmos* presente no Gênesis. Portanto, essas informações nos ajudam a entender que estes grupos filosófico-religiosos não se encontravam isolados; pelo contrário, estabeleceram consideráveis intercâmbios culturais no processo de consolidação de suas doutrinas.

Diante desse panorama sobre os posicionamentos vertebradores dos gnosticismos, partiremos, no próximo tópico, para a análise das críticas atribuída por Basílio aos gnósticos, sobretudo em relação à maneira como os gnósticos concebem

as narrativas cosmogônicas do Gênesis, com ênfase à ideia de 'mal inicial' no processo de criação do *kósmos*.

CRISTÃOS E GNÓSTICOS EM DEFESA DE SUAS COSMOGONIAS: ESTUDOS A PARTIR DE BASÍLIO DE CESAREIA

No IV século, com o estabelecimento de políticas pró-cristãs, chanceladas pelos imperadores romanos a partir de Constantino (306-337), torna-se evidente a concorrência de uma série de credos cristãos que passam a rivalizar entre si, nas principais cidades do Império Romano, a saber: Alexandria, Cesareia, Antioquia, Roma, Constantinopla e Jerusalém. Tais rivalidades se sustentavam porque não havia um consenso entre os bispos quanto à interpretação dos livros canônicos, sobretudo em relação ao caráter divino de Jesus e de Maria, mãe de Jesus.

Entre os credos cristãos mais conhecidos pela historiografia, destacam-se o niceno e o ariano em virtude da simpatia dos imperadores romanos a tais crenças, de Constantino a Teodósio.

As dissensões entre as comunidades cristãs resultaram na necessidade de intervenção imperial e o imperador romano tornou-se, no transcorrer do IV século, uma figura-chave para imprimir um tom mais uníssono aos discursos cristãos, na medida em que se responsabilizou por cancelar o cristianismo ortodoxo (aceito e reconhecido pelas instâncias de poder) em detrimento dos heterodoxos (ilegítimos, desviantes), sobretudo a partir do Concílio de Niceia (325), que representa, a nosso ver, uma tentativa de formação de um corpo institucionalizado e padronizado de crenças para uma 'igreja imperial' (HUMFRESS, 2007, p. 225).

O termo 'ortodoxo', na literatura cristã tardo-antiga, consistia em ser portador de um credo 'correto', entendido como uma simples e sincera 'verdade', proveniente das Escrituras, logo conectada aos 'verdadeiros' ensinamentos de Cristo; já o termo 'herético' corresponde ao credo 'errado' ou 'desviante' que se fragmentava em várias correntes que se distanciavam de Cristo e de seus ensinamentos revelados aos apóstolos.

Diferentemente de períodos anteriores, a partir de Constantino, os cristãos ortodoxos passam a contar com o aparato jurídico romano para perseguir e criminalizar cristãos heréticos por *sacrilegium* (C. Th. 16.2.25), *criminosa religio* (C. Th. 16.5.13), *perfidia* (C. Th.16.5.63) ou *nefaria superstitio* (C. Th.16.5.48).

Diferentemente dos ortodoxos, "os heréticos não têm nenhuma autoridade para criar ou confirmar legalmente bispos" (C. Th. 16.5.22). Assim, o potencial para definir um credo religioso errado ou desviante como um crime sob as leis romanas

existiu apenas após Constantino ter incorporado uma vertente do cristianismo na estrutura legal do Império.

Ao longo dos séculos IV e VI, legisladores romanos defenderam que a ortodoxia tinha de ser definida e imposta, enquanto a heresia identificada e excluída, de tal forma que a defesa um 'cristianismo correto' confundia-se com a defesa do Império (HUMFRESS, 2007, p. 236).

Como dissemos anteriormente, são muitos os diálogos/aproximações e divergências/oposições entre os cristianismos, os gnosticismos e as filosofias helênicas, como os neoplatonismos, neopitagorianismos, entre outros. Afinal, os bispos não poderiam se manter alheios ao ambiente cultural que os cercavam. Todavia, os autores cristãos, ao longo do IV século, precisaram se esforçar para legitimar seus discursos face a uma série de movimentos filosóficos e religiosos com os quais muitos cristãos se identificavam.

Isso explica, pelo menos em parte, os esforços de Basílio e outros bispos em desqualificar interpretações não-autorizadas sobre os livros intracanonicos pelo credo ortodoxo, como propunham os gnósticos.

Neste tópico, demarcaremos os enfrentamentos que Basílio de Cesareia empreendeu contra as interpretações do Gênesis propostas pelos gnósticos, tal como se observa a seguir:

A escuridão estava sobre a face do abismo. Uma nova fonte de fábulas e imaginações mais ímpias, se alguém distorcer o sentido dessas palavras à vontade de suas fantasias. Por "escuridão", esses homens maus não entendem o que se entende na realidade - o ar não é iluminado, a sombra produzida pela interposição de um corpo ou, finalmente, um lugar por algum motivo privado de luz. Para eles, "trevas" é um poder maligno, ou melhor, a personificação do mal, tendo sua origem em si mesmo em oposição e em luta perpétua com a bondade de Deus (BASÍLIO, *Hexaêmeron*. 2:4).

A passagem acima ajuda-nos a perceber como a ideia de existência de um poder maligno nos primórdios da criação, tal como defendida pelos gnósticos dualistas, era rechaçada por Basílio de Cesareia, principalmente por considerar que era uma heresia afirmar que sempre existiu uma luta perpétua entre a Luz e as Trevas (o Bem *versus* o Mal); pois, segundo Basílio, trata-se de uma distorção acerca da interpretação sobre a origem do universo e o princípio do Mal, porquanto o Mal emana da transgressão da Lei divina, momento em que a alma se aparta do Bem, da virtude. Em outras palavras, a escuridão que estava sobre a face do abismo nos momentos iniciais da criação, de maneira nenhuma, poderia ser interpretada como um 'mal inicial' em combate com o deus judaico-cristão, desde os primórdios dos tempos, tal como argumenta Basílio:

Se Deus é luz, dizem eles, sem dúvida, o poder que luta contra ele deve ser as trevas, "trevas", não devendo sua existência a uma origem estrangeira, mas um mal que existe por si só. "Escuridão" é inimiga das almas, a causa primária da morte, o adversário da virtude. As palavras do Profeta, dizem eles, em seu erro, mostram que Ela existe e que não procede de Deus. A partir disso, que dogmas perversos e ímpios foram imaginados! Que lobos terríveis, rasgando o rebanho do Senhor, surgiram dessas palavras para se lançarem sobre as almas! Não é daí que surgiram Marcião e Valentino, e a detestável heresia dos maniqueus, que você pode sem errar chamar o humor pútrido das igrejas? (BASÍLIO, *Hexaêmeron*. 2: 4.)

Como havíamos mencionado anteriormente, os gnósticos dualistas defendiam que, desde os primórdios, havia uma luta titânica entre Bem e Mal, Luz e Trevas, e que o *Pléroma* trazia consigo a própria origem do Mal, pela qual o universo havia sido criado, logo, pensamos que seja em decorrência da popularidade dessas interpretações que Basílio tenha escrito suas homilias num claro combate aos grupos gnósticos. Neste excerto, Basílio de Cesareia ataca em conjunto não só as teorias gnósticas, mas também as teorias maniqueístas uma vez que, para Basílio, a manutenção/permanência de todo o pensamento gnóstico e maniqueísta se deve, em grande medida, às heresias de Marcião⁸ e Valentino⁹.

⁸ Marcião de Sínope, viveu em meados do século II, e produziu diversas obras literárias (cartas, sermões, testamentos) que, provavelmente por seu caráter perturbador, não sobreviveram às investidas dos cristãos autoproclamados ortodoxos, ainda que suas ideias tenham sido divulgadas/defendidas até meados do século V (DUTRA; HEBECHE, 2008, p. 41). As doutrinas de Marcião podem ser analisadas a partir de seus críticos/opositores cristãos em, por exemplo, Tertuliano (*Contra Hermógenes* e *Contra Marcião*). O núcleo temático do marcianismo consiste na defesa de deuses diferentes na composição da Bíblia: enquanto no AT se identifica um Deus ameaçador, vingativo e brutal (o Deus de Abraão), responsável pela criação do mundo; o NT apresenta um Deus do amor, do perdão, da misericórdia, o Ser supremo, para os gnósticos. Logo, influenciado pela tradição platônica (que pressupõe a existência de um Deus superior sob o qual há outras divindades), percebe-se, ao menos, dois deuses nas narrativas bíblicas: um deus superior, bom, eterno, imaculado, revelado por Cristo e propalado pelo NT e um deus inferior que cria o mundo habitado e dissemina o 'mal' e os infortúnios existentes. Isso exige o Deus supremo de qualquer mácula ou associação ao mal. Dito isso, parte-se do pressuposto de que "[...] o mundo não é uma criatura boa, porque é uma obra do deus inferior; a realidade propriamente divina não está absolutamente presente nele" (Moreschini, 2013, p. 64). Os males do mundo denotam, sob essa linha de raciocínio, a imperfeição e baixaza do demiurgo, um deus que se serve da matéria. Em síntese, defende-se que o Ser supremo cria o mundo celeste invisível, sem recorrer à matéria, sob o qual se encontra o mundo terreno do demiurgo, um ser decaído e princípio do mal, ainda que carregue a 'substância' do deus superior, o que explica a ordem e a bondade também presente no mundo habitado.

⁹ Proveniente do Egito, Valentino, em meados do séc. II d.C, também produziu vasta literatura que sobrevive nas obras de seus adversários, particularmente Tertuliano (*Contra os valentinianos, As prescrições*), Ireneu (*Contra as Heresias*) e Hipólito (*Confutação de todas as heresias*). Segundo Dutra e Hebeche, um dos conceitos-chave de Valentino é o de *Pléroma* (Πλήρωμα), que diz respeito a todo âmbito divino. Esse âmbito mais elevado é dividido em 30 submundos ou tempos (αἰών - éons), reunidos, primordialmente, em 8 pares (συζυγία - sizígia), dos quais resultam todos os outros mundos em graus menores de divindade e pureza. Tais esferas são invisíveis aos habitantes do mundo inferior, os seres humanos. Disso decorre que, para Valentino, os mundos são constituídos de dois princípios opostos: [...]

Neste sentido, podemos dizer que boa parte das exegeses bíblicas sobre a narrativa cosmogônica do livro do Gênesis desenvolvidas pelo capadócio tinha como principal propósito legitimar e propagar uma interpretação autorizada das Escrituras. Além disso, trata-se de um esforço para se opor a iniciativas discursivas que contradissem o material veterotestamentário e questionassem a narrativa reconhecida e aceita pelo cristianismo ortodoxo.

As homilias de Basílio demonstram uma clara inclinação dos bispos por harmonizar as narrativas vetero e neotestamentárias como um *corpus* documental estruturador do cristianismo, logo construir uma narrativa coerente da criação do *kósmos* à materialização do plano salvífico do deus judaico-cristão, intermediado por Jesus de Nazaré, tornou-se um desafio ao longo do IV século, tendo em vista as interpolações de tais narrativas com movimentos preexistentes. Para desqualificar os gnósticos e suas perspectivas religiosas, Basílio utiliza um tom admoestador:

Ó homem, por que desviar assim da verdade e imaginar por si mesmo aquilo que causará a sua perdição? A palavra é simples e está dentro da compreensão de todos. "A terra era invisível." Por quê? Porque o "profundo" foi espalhado por sua superfície. O que é "o fundo"? Uma massa de água de extrema profundidade. Mas sabemos que podemos ver muitos corpos através da água clara e transparente. Como foi então que nenhuma parte da terra apareceu através da água? Porque o ar que o rodeava ainda estava sem luz e na escuridão. Os raios do sol, penetrando na água, muitas vezes nos permitem ver as pedras que formam o leito do rio, e em uma noite escura é impossível o nosso olhar penetrar na água. [...] Assim, o fundo não é uma multidão de poderes hostis, como foi imaginado; nem "trevas" uma força soberana do mal em inimizade com o bem. (BASÍLIO, *Hexaêmeron*. 2.vrs. 4.)

No fragmento em questão, nota-se que Basílio emprega o princípio retórico da excogitação¹⁰ para se contrapor às ideias oriundas dos gnósticos, que representariam mais uma especulação do que uma observação da ordem dos acontecimentos inerentes ao ato de criação cósmica. Para ele, a inexistência da luz apenas impossibilitava a identificação da matéria, o que não, necessariamente,

um aspecto imóvel do princípio masculino e o vital da sua *partner* feminina": Cristo e Sophia (Moreschini, 2013, p. 54). Na teodiceia gnóstica valentiniana, é central o mito da queda de Sophia, responsável por gerar o demiurgo, criador do mundo terreno. Sob essa linha de raciocínio, o mundo terreno e seus infortúnios/males estão associados a uma entidade feminina que atua na periferia do Pléroma, o que justifica a imperfeição do mundo terreno em detrimento da pureza do Ser supremo, "éon perfeito e incorruptível" (Moreschini, 2013, p.55).

¹⁰ O princípio retórico da excogitação, segundo Caio Júlio Vitor, consistia na premissa do orador conhecer profundamente todas as características de uma ideia a ser utilizada durante a elocução de um discurso, pois, uma vez conhecendo a totalidade das ideias que fosse usar, o orador teria maiores chances de lograr êxitos durante a exposição de argumentações, e, com isso, persuadir um maior número de pessoas a aderirem ao seu pensamento.

implica a presença de um 'mal inicial' inerente à matéria, como defendiam os gnósticos sem qualquer fundamentação de sua linha de raciocínio.

Basílio demonstra, por meio de suas análises, a importância da exatidão interpretativa em relação aos livros canônicos. Parte-se do pressuposto de que uma análise literal da narrativa bíblica aproximaria o intérprete da sabedoria divina. Esta se estabeleceria pela acuidade com que o conteúdo e a forma como ele foi registrado (sequencialidade, argumentos, tipos de recursos estilísticos etc.) sejam respeitados. Assim, Basílio defende que:

É igualmente ímpio dizer que o Mal tem sua origem em Deus; porque o contrário não pode proceder do contrário. A vida não gera morte; as trevas não são a origem da luz; a doença não é criadora de saúde. Nas mudanças de condições, há transições de uma condição para o contrário; mas na gênese, cada ser procede de seu semelhante, e não de seu contrário. Se então o mal não é criado nem criado por Deus, de onde vem sua natureza? Certamente que o mal existe, ninguém que vive no mundo negará. O que diremos então? O mal não é uma essência viva e animada; é a condição da alma oposta à virtude, desenvolvida nos descuidados por se afastarem do bem. (BASÍLIO, *Hexaêmeron*. 2: 4.)

Mais uma vez, identificamos um recurso básico da retórica, a excogitação, por meio do qual o bispo refuta a tese gnóstica de haver uma 'mal inicial' que tivesse sua origem em deus. Logo, a tese de que a ideia do mal estivesse intrinsecamente interligada ao Criador não era aceita por Basílio de Cesareia, uma vez que, segundo suas argumentações, a vida não poderia gerar a morte, nem as trevas poderiam gerar a luz e nem a doença gerar saúde, o que implica dizer que a criatura recebe características do Criador, tornando-se semelhante à Sua natureza física/psíquica.

Considerando a Antiguidade Tardia como um momento histórico marcado por intercâmbios filosóficos e religiosos, pluralidade de ideias e de constantes contatos entre diversas ontologias de mundo, entre as quais os gnosticismos e cristianismos, Basílio de Cesareia, por meio de suas homilias no *Hexaêmeron*, assume um tom apologético em seus estudos de caráter exegético. Logo, era, a partir desses exercícios discursivos, que esses líderes religiosos advertiam seus fiéis em relação à defesa do credo ortodoxo e à autoridade das Escrituras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do *Hexaêmeron* de Basílio de Cesareia, percebemos que as exegeses bíblicas sobre o Gênesis não se atinham à explicação daquilo que não era criado, isto é, da origem de deus ou dos seres celestiais, que habitavam a morada de Deus. Logo, as reflexões de Basílio diziam respeito às criações divinas, isto é, àquilo que havia

sido criado pelo Deus, logo, era por meio de um exercício lógico-dedutivo que o clérigo capadócio construiu seus juízos contra as correntes gnósticas.

Em síntese, a chave interpretativa consiste em apoiar-se nos objetos da criação (criaturas), ou seja, o principal enfoque está ligado à compreensão sobre como se organizava os elementos da criação. A origem do deus judaico-cristão, como dissemos, não é explorada nas homilias de Basílio. Para o historiador Vladimir de Beer, isso se deve ao fato de que o ser humano, um ser criado, não pode, por natureza, conhecer a Deus, o incriado. No entendimento patrístico, Deus é a única fonte de toda a ordem criada: visível e invisível, inteligível e sensível, racional e irracional, formada e sem forma. (De Beer, 2015. p. 81)

O que se pode perceber, no seio dessa argumentação, é que, no entendimento dos primeiros padres da igreja, e supostamente na própria forma como Basílio enxergava as Escrituras, o ser humano, por se fruto da criação, não poderia em hipótese alguma conhecer Deus em sua totalidade, muito menos a sua origem. Esse tipo de argumentação é muito elucidativa para que pensemos como as tentativas de interpretar a ideia de um 'mal inicial' na criação não é bem-vinda pelos padres da Igreja.

Qualquer explicação que buscasse explicar sobre a origem de um 'mal-inicial' e de Deus, pertenceriam a um nível de discussão muito além da condição humana (inalcançável à mente humana), no entanto Basílio se debruça sobre essa questão, como demonstramos, pela via da investigação dos atos de criação (Spinelli, 2015, p. 692). Podemos sintetizar a argumentação de Basílio, ao reconhecer a defesa da tese de que, por ser produto de uma criação divina, o *kósmos*, uma herança do deus eterno, era bem ordenado ou harmônico.

Os intérpretes das Escrituras não poderiam ser sujeitos quaisquer, nem se admitia uma livre interpretação. Para lidar com o Gênesis, era necessário que o exegeta tivesse cautela, objetividade, e precisão em seus estudos exegéticos, principalmente em virtude de um princípio que norteava as exegeses acerca da narrativa cosmogônica do Gênesis e demais livros canônicos: *Temere reprehendere*, isto é, o de não ousar criticá-los. Logo, ao lidar com o Gênesis, os indivíduos responsáveis pela exegese deveriam primar pela diligência - *diligenter quarere*, indispensável à apreensão da sabedoria divina. Havia, portanto, "[...] uma lógica, mas essa não é a da filosofia pagã nem a corriqueira dos homens da rua. Tratar-se-ia de uma lógica divina profunda" (Pinto, 2013, p. 353). Entendido dessa forma, as narrativas bíblicas só podem ser compreendidas "[...] por meio de um investigar com diligência (*diligenter quaerere*) e não de um ousar criticar (*temere reprehendere*), ou seja, submetendo-se a ele" (Pinto, 2013. p. 353).

Fica claro que Basílio, assim como os demais bispos, preocupava-se em não distorcer a 'verdade' (sabedoria divina e profunda) presente nas Escrituras e utilizaram esse critério para desqualificar interpretações ou leituras indesejadas aos líderes da Igreja ortodoxa.

REFERÊNCIAS.

ARISTÓTELES, **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto, Abel do Nascimento. Lisboa: Imprensa Nacional, 2005.

AYRES, Gallwitz; LEWIS, Andrew Raddle. Basil of Caesarea. In: GERSON, Lloyd. **The Cambridge History of Philosophy**. New York: Cambridge University Press, 2010, 2011.p. 461-470

BASIL, Saint. The Hexaemeron. **Nicene and post-Nicene fathers**, v. 8, p. 52-107, 1994.

DE BEER, Vladimir. Aspects of patristic cosmology. **Logos: A Journal of Catholic Thought and Culture**, v. 18, n. 3, p. 81-99, 2015.

DUTRA, Delamar José Volpato; HEBECHE, Luiz Alberto. **História da Filosofia II**. Florianópolis: FILOSOFIA/EAD/UFSC, 2008.

FARIAS JUNIOR, José Petrúcio. Encontros (im)possíveis entre neoplatonismos e cristianismos: estudos a partir do bispo Sinésio de Cirene. In: **Cristianismos e judaísmos antigos: interações culturais na bacia mediterrânea**. RJ: Kliné, 2021.

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia não tinha razão**. SP: A Girafa, 2003.

HUMFRESS, Caroline. **Orthodoxy and the courts in Late Antiquity**. New York: Oxford University Press, 2007.

MARTIN, Thais Morgato. Tradução anotada e comentários da Ars rhetorica de Caio Júlio Vítor. **Dissertação** (Mestrado em Letras Clássicas), Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2010.

MOORE, Edward; TUNNER, Jhon D. Gnosticism In: GERSON, Lloyd. **The Cambridge History of Philosophy**. New York: Cambridge University Press, 2010, 2011.p. 174-196.

MORESCHINI, Cláudio. **História da Filosofia Patrística**. SP: Edições Loyola, 2013.

NEVES, Joaquim Carreira das. Gnosis-gnosticismo: uma introdução. **Cadernos do Ceil** - Revista multidisciplinar de Estudos sobre o imaginário. 2011.

PINTO, Luciano CG et al. A escritura não é o nada: comentários bíblicos de Jerônimo e Agostinho ao Gênesis e o efeito-texto. **Tese** (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da linguagem, Campinas, SP, 2013.

PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Tradução de Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

PLOTINO. **Enéadas III-IV**. Tradução de Jesús Igal. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

SPINELLI, Miguel. **Helenização e recriação de sentidos**: a filosofia na época da expansão do cristianismo, séculos II, III e IV. Caixias do SUL: EDUCS, 2015.

ZANARTU, U. S. La Creacion, segun el Hexaêmeron de Basilio de Cesarea. **Teologia y Vida**, Santiago de Chile, v. 22, n. 2, p. 109-124, 1981.